

OS BARRACOS CAÍRAM

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Por três vezes ele pediu. Nas três vezes o povo levantou as mãos e concordou. E a invasão começou a desaparecer. Foi só o governador Joaquim Roriz descer da cadeira amarela, dessas de boteco, depois de um discurso improvisado, para os invasores da QE 44 do Guará desmontarem as barracas de lona, carregarem os colchões e abandonarem o terreno.

Para convencê-los, prometeu lotes para todas as famílias carentes que têm inscrição no Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) ou que estão há mais de cinco anos no Distrito Federal. Há dois meses as quadras 38 e 44 do Guará foram ocupadas por 20 cooperativas que temiam perder a área para invasores sem processo de documentação no Idhab.

"Invasão me sensibiliza, porque toda pessoa tem o direito de morar. Vou dar prioridade para as mães solteiras e viúvas de Brasília que têm inscrição antiga", comprometeu-se Roriz, diante de uma platéia de quase 200 pessoas que se acotovelavam para vê-lo e ouvi-lo.

O discurso de 25 minutos continuou: "Só não darei para aqueles que não precisam. Estou sabendo que tem invasores com carro do ano na porta do barraco. Com esses não vou dialogar. Vou dialogar e agradecer a vocês que têm protegido essa área, que não é do governo, nem do presidente da República, mas do povo."

Em seguida, fez o apelo: "Só peço mais um voto de confiança. Não precisam invadir. Temos um país continental. Vamos só cumprir os preceitos de ordem legal. Essa área será destinada às cooperativas de vocês. Quem concorda, levanta o braço!". O povo obedeceu. Ergueu os braços pela primeira vez.

"Preciso que vocês me ajudem, derrubem seus barracos, para que eu tenha autoridade sempre. A partir de agora, essa aqui terá fiscalização. Preciso que os senhores e senhoras me dêem um voto de confiança.

Raimundo Paccó



Joaquim Roriz ajuda a desfazer as moradias improvisadas nas quadras 44, depois de prometer lotes a quem não tem, começando "pelas mães solteiras e viúvas"

Quem quiser ser meu colaborador, levante os braços!". E o povo, pela segunda vez, obedeceu.

No último final de semana, o governador decidiu que conversaria pessoalmente com os invasores, que não estavam cumprindo a ordem de desocupação em 72 horas. E resolreu começar pela invasão do Guará. "Era a mais problemática, a mais nervosa", explicou.

"MEU QUERIDO"

Roriz chegou às 10h15. Camisa azul e gravata. Dispensou o paletó. Foi logo cercado pela multidão. Muitas pessoas pareciam idolatrá-lo. Agitavam bandeiras, gritavam seu nome, pediam autógrafo, queriam tirar uma foto. "Roriz, meu querido!", encantou-se Maria Barreto, 67 anos, ao ver o governador descer do carro oficial.

Roriz não a notou, mas estendeu o braço para a multidão, num gesto de saudação. "Um abraço a todos", disse. Instantes depois, o sapato preto bem lustrado e a barra da calça estavam sujos de barro. Antes de falar aos invasores, Roriz passou a palavra a três secretários e dois líderes da invasão. Enfim, chegou a sua vez. Subiu na cadeira amarela, colocada em

frente à tenda armada pelo Idhab, e pegou o microfone.

Teve tempo de receber algumas informações ao pé do ouvido, da secretaria de Habitação, Ivelise Longhi. "Estou apenas no sétimo dia útil do meu governo, sobrecarregado de trabalho, por causa da depredação do governo anterior. Parece até que viemos de um pós-guerra. Mas invasão é uma coisa que me sensibiliza. Por isso essa minha primeira saída do Palácio do Buriti", justificou.

"O povo sabe que eu tenho Deus no coração. Fica aqui a minha palavra de fé, de que não deixarei um, a não ser quem não tem direito, sem lugar para morar. Levante a mão, aqui, quem nunca teve moradia!". E pela terceira e última vez, os invasores ergueram os braços. Satisfeita, o governador pediu que as pessoas se organizassem em fila e dessem o nome e o endereço aos funcionários do Idhab que estavam com pranchetas.

"Agora quero que tirem os barracos daqui e enrolem as cercas de

arame. Isso me dará força. Quem tiver direito será atendido. É a palavra de honra de um homem de cabelo branco", reforçou. Os invasores não se contiveram. Correram para abraçá-lo e para lhe entregar bilhetinhos.

O suor pingava do seu rosto. Mas Roriz foi paciente. Deixou-se abraçar e ainda ajudou os invasores a desfazer cercas de arame farpado e desarmar as cordas que sustentavam a barraca de lona da Cooperativa Habitacional dos Pioneiros do Distrito Federal. "Tiramos a lona, mas ficamos no mesmo. Ainda é preciso concretizar o nosso sonho", assinalou a líder comunitária no Guará, Raimunda Machado da Silva, 49 anos.

A negociação com os invasores que querem lote no Guará continua. Roriz agendou para seus secretários conversa com os líderes das cooperativas, segunda-feira à tarde, no Palácio do Buriti. "Não vou deixar um barraco no Distrito Federal. E vou fazer isso sem violência. Vamos

é conversar. Vou em cada uma das invasões."

EXPECTATIVA E MEDO

A visita do governador ao Guará repercutiu em Santa Maria, outra das cidades que começou a crescer depois das eleições. As pessoas que vivem em invasões estão com medo. Desiludidas. Irritadas. Antes mesmo de saber o que Joaquim Roriz decidirá sobre o futuro dos barracos. Relatório da administração regional, feito na última quinta-feira, aponta 19 barracos na entrequadra 307/207. Outros dois na Q 402, 15 na Q 302 e 23 na Q 518.

"Os políticos que vieram pedir votos nos disseram que quando Roriz ganhasse tudo iria mudar. Mas esqueceram de dizer se era para melhor ou para pior. E a gente também esqueceu de perguntar", afirma a dona-de-casa Teresa Dolores Pereira, 22 anos, dando risadas. Fazendo piada da desgraça de todas.

"Meu filho está com os dentes podres, não dorme de noite, de dor, mas eu não levo ele ao dentista porque tenho medo de encontrar meu barraco no chão", diz Jéssica Alves, 23 anos, mostrando a boca de Caique, 5, com os dentinhos destruídos pelas cáries negras.

